



POVOS DA FLORESTA: IDENTIDADE E PRODUÇÕES SOCIAIS NUMA COMUNIDADE AMAZÔNICA

GRACY KELLY MONTEIRO DUTRA¹¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0946-136X>

gkmdutra@uea.edu.br

RESUMO: A identidade e produção social da Amazônia deve ser compreendida a partir, ao mesmo tempo, da pluralidade e singularidade dos espaços físicos e humanos. Observar e analisar um recorte dessa terra é expor a realidade de um dado microterritório, que não representa a magnitude das condições sociais que a povoam. Singularidades se expressam em cada calha de rio, nas sombras das árvores e nas terras percorridas. É indispensável internalizar essas conjecturas para que se alcance a visão complexa da vida nessa terra. A leitura de mundo aqui é manifestada pelo recorte territorial da Valéria, um espaço florestal inserido no município de Parintins, no Estado do Amazonas, na fronteira com o Estado do Pará. Nela se expressam uma distinta identidade, com marcadores econômicos proeminentes e produções sociais somente entendidas quando compreendemos o cenário das florestas, terras e águas que está inserida.

Palavras-chave: Amazônia, pluralidade, Valéria, identidade, produção social.

FOREST PEOPLES: IDENTITY AND SOCIAL PRODUCTIONS IN AN AMAZONIAN COMMUNITY

Abstract: The identity and social production of the Amazon must be understood from the point of view of the plurality and singularity of physical and human spaces. To observe and analyze a cut of this land is to expose the reality of a given micro-territory, which does not represent the magnitude of the social conditions that populate it. Singularities are expressed in each river channel, in the shadows of the trees and in the lands traveled. It is essential to internalize these conjectures in order to achieve the complex vision of life on this earth. The reading of the world here is manifested by the territorial cut of Valéria, a forest space inserted in the municipality of Parintins, in the State of Amazonas, on the border with the State of Pará. It expresses a distinct identity, with prominent economic markers and social productions that can only be understood when we understand the scenario of the forests, lands and waters in which it is located.

Keywords: Amazon, plurality, Valeria, identity, social production.

PUEBLOS DE LA SELVA: IDENTIDAD Y PRODUCCIONES SOCIALES EN UNA COMUNIDAD AMAZÓNICA

Resumen: La identidad y la producción social de la Amazonía deben comprenderse a partir de la pluralidad y singularidad de sus espacios físicos y humanos. Observar y analizar una porción de este territorio expone la realidad de un microterritorio determinado, que no representa la magnitud de las condiciones sociales que lo habitan. Las singularidades se expresan en cada cauce, en la sombra de los árboles y en los territorios que recorren. Internalizar estas conjeturas es esencial para lograr una visión compleja de la vida en este territorio. Esta cosmovisión se manifiesta en la sección territorial de Valéria, un espacio boscoso ubicado en el municipio de Parintins, estado de Amazonas, en la frontera con el

¹¹ Universidade do Estado do Amazonas. Parintins (AM), Brasil.



estado de Pará. Expresa una identidad distintiva, con importantes indicadores económicos y producciones sociales que solo pueden comprenderse cuando comprendemos el paisaje de los bosques, las tierras y las aguas que la conforman.

Palabras clave: Amazonía, pluralidade, Valéria, identidade, producción social.

INTRODUÇÃO

Entre as terras em grande quantidade, com a vigília silenciosa e imponente das árvores que se alastram nos caminhos dos rios e em seus braços, as pessoas nos espaços florestais se entrecruzam no conhecimento secular dos povos que habitam e vivem as dimensões culturais e ambientais do altivo universo amazônico. Ao longo de décadas, pessoas fixaram raízes nestas terras na expectativa de existir (e resistir) na opulência verdejante, faunística e florística, aos humores (cheia, vazante e estiagem) dos rios e à lógica dos seres ambientais, envoltos pelos segredos das florestas e das águas, construindo saberes singulares que se edificam a partir do lugar habitado e vivenciado, produzindo identidades peculiares ao lugar de moradia. Nesse desenvolvimento, é construído a multiculturalidade e o mosaico social que representa o cenário amazônico.

A construção dos espaços físicos e humanos produzem uma Amazônia plural. Observar e analisar um recorte dessa terra é expor a realidade de um dado microterritório, que não representa a magnitude das condições sociais que a povoam. Singularidades se expressam em cada calha de rio, nas sombras das árvores e nas terras percorridas. É indispensável internalizar essas conjecturas para que se alcance a visão complexa da vida nesse chão.

Pensar na condição da vida humana nessa região peculiar é perceber as especificidades que a tornam única e as facetas representativas da cultura que está imersa. Este esclarecimento histórico, social e geográfico possibilita um entendimento da construção humana e das práticas culturais que as pessoas florestais produzem num lugar exclusivo, onde sua identidade está vinculada àquilo que dá sentido à sua vivência e à produção da vida. O cenário dos argumentos aqui tecidos parte de um espaço florestal chamado Valéria, inserido no território do município de Parintins, no estado do Amazonas, em limites com o estado do Pará.

Ao adentrar às singularidades deste campo, apresento autores que, cada um com sua epistemologia e olhar delicado para as demandas que buscaram compreender, como Charles Wagley (1988), Emílio Morán (1990, 2010), Victor Leonardi (1999), Marcos Montysuma (2018), Leandro



Tocantins (2020), entre outros, analisam as especificidades socioculturais da multifacetada Amazônia, apresentando considerações que aprofundam ainda mais a análise sobre essa parte do Brasil. Nessa leitura, mostra-se um território ímpar envolvido por condições florestais que caracterizam uma identidade e produções sociais constituídas pelas vivências ali florescidas e, como as pessoas lá viventes, ora se descobrem como produtoras de práticas econômicas ora produtoras de práticas culturais.

Diante dos avanços externos sobre as terras, com a persistência do olhar forasteiro, existe a imposição de denominações que, para alguns, não os caracteriza. As pessoas da Amazônia da Valéria se edificam nessa construção étnica, cultural e linguística estabelecida pelos caminhos das florestas, que traduzem a luta de gerações familiares pela sua própria vida, pela vida da floresta e dos seres ambientais, para que permaneçam firmes e resilientes nesse mundo em vulnerabilidade e em constantes modificações.

PENSAR A AMAZÔNIA A PARTIR DA PLURALIDADE SOCIAL E CULTURAL

Existe uma Amazônia no plural, as Amazônias, em virtude de sua multiculturalidade e diversidade sociobiológica, não só pelas formulações contidas em Carlos Walter Porto-Gonçalves (2010), mas por aquilo que é encontrado em diversas obras que a apresentam com características singulares, entendidas a partir da ótica da pesquisadora ou pesquisador. Essa Amazônia, descrita em vários textos, ora surge como a natureza imaginada, projetada na cabeça das pessoas, ora de modo real, como a região habitada por distintos povos. É uma região de encantarias, de manifestações religiosas afro-indígenas. É o lugar de pertencimento da Cobra Grande, da Mãe d'Água Yara, do Juma, Jurupari, entre outros espíritos visagentos, que se manifestam e estão imergidos na subjetividade e no imaginário social e simbólico do povo.

É a Amazônia de inúmeras características, que se expressa tanto como a questão nacional, das lutas ambientais, do vazio demográfico, da reserva de recursos quanto o pulmão do mundo, como bem explorado, na obra “Amazônia, Amazônias” (2010) de Porto-Gonçalves. Diante das diversas literaturas, o termo Amazônia é polissêmico. Além de adjetivos que procuram estigmatizá-la, há



documentos que a delimitam conforme sua geografia: a Amazônia Ocidental², Pan Amazônia³, Amazônia Setentrional⁴, entre outras caracterizações territoriais apresentadas em distintas obras. Nessas acepções, o povo em si não aparece, porque as discussões são mais voltadas aos aspectos físicos e à possibilidade de exploração econômica. Entretanto, as configurações dos sistemas culturais mostram que a Amazônia é ao mesmo tempo única e múltipla, com atores que usam e vivenciam o ambiente perante as conjunturas que ela lhe dispõe.

Esse lugar de múltiplas identidades culturais expressas nos distintos espaços florestais, constroem um tipo humano integrado à cosmovisão dos povos étnico-raciais que desbravaram as terras. Não há só uma característica tipológica nos ambientes, essa caracterização deve vir das próprias pessoas, no seu processo de autorreconhecimento frente ao espaço que habita. Os tipos humanos emergidos sobre este solo relacionam-se com seu entorno, as florestas, as terras e as águas, possuindo uma relação dinâmica com o tempo, costumes, hábitos, crenças e mitologias, que estão alicerçados às características territoriais que cresceram e onde mantêm elos de afetividade. Esse humano é uma pessoa florestal que pode construir sua identidade próxima ou afastada do rio, mas, o que está realmente aliado a si é o sistema rico e complexo que lhe é peculiar: um completo sistema de vida e do viver.

A Amazônia discutida aqui é a Amazônia do lugar chamado Valéria, que compõe um acervo de signos, símbolos e significados de pessoas florestais que constroem, compartilham, vivenciam saberes no presente traduzido de um saber construído no passado. Este conhecimento tem a ode de caracterizar-se como político, por expressar um bem que permanece sólido ante as dinâmicas modernas, com adaptações socioculturais que a conservam e, ao mesmo tempo, a distinguem.

Há um tipo de condição humana que se ergue nas terras da Valéria. Quando Hannah Arendt (2005) discute as esferas da existência humana nas produções da vida diária, a partir de três

² Constitui 42,97% do território da Amazônia Legal. Criada pelo Decreto-Lei 291 / 1967. Ela é constituída pelos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima. Disponível em: <https://www.gov.br/suframa/pt-br/assuntos/invest-pt/amoc> Acesso em: 20 de mar. de 2025.

³ Envolve os países que tem a Floresta Amazônica em seu território. Constituída por Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas, Suriname e Brasil. Disponível em: <https://repam.org.br/pan-amazonia/> Acesso em: 20 de mar. de 2025.

⁴ São as terras localizadas a partir da margem esquerda do rio Amazonas. É a parte mais setentrional do território brasileiro. Faz parte deste contexto espacial, os estados do Amapá e Roraima, porções consideráveis do norte dos estados do Pará e Amazonas (Santos, 2012).



características: labor (aspecto biológico), trabalho (aspecto mental) e ação (aspecto essencialmente humano). Arendt esclarece que os grupos humanos “vivem, se movem e agem neste mundo, só podem experimentar a significação porque podem falar uns com os outros e se fazer entender aos outros e a si mesmo” (Arendt, 2005, p. 05), gerando uma condição humana única, de interrelações políticas e sociais.

A ideia construída por Arendt, possibilita um caminho para pensar a identidade e a produção social na Valéria, quando entendemos que esse mundo amazônico traz significações sobre as origens e desdobramentos de dinâmicas humanas num cenário que não é somente floresta e água, mas, de sujeitos que ao longo do tempo, estabeleceram condições coletivas de permanência e sobrevivência ante um território tão vasto e cobiçado desde as primeiras invasões europeias datadas do século XVI e asseveradas com o passar do tempo.

A partir da leitura de Arendt (2005), conjecturamos que a condição humana envolve aspectos que conectam as pessoas numa ação social que promove a produção do viver e do fazer da vida diária, numa interrelação cultural que as fazem apropriar-se das possibilidades e vulnerabilidades do *habitat*. Essa mentalidade, diante do território, leva a criação de habilidades e ações específicas: quando o território amazônico proporciona a cada mulher ou homem, em gerações diferentes, desenvolver estratégias culturais, isto é, conhecimentos, que permanecem e são traduzidos pelas pessoas, gerando uma condição humana específica, onde a construção de uma identidade deve ser por eles autodeterminada. A Amazônia da calha do rio Negro é distinta da Amazônia da calha do rio Amazonas. Daí entendê-la como plural é necessário.

Em virtude do mosaico cultural amazônico de diversos povos, André Vidal de Araújo (2003) fala que o imenso material cultural poderá oferecer ao mundo as mais surpreendentes novidades, no campo de instituições e da conduta organizada, pois, “existe em todo o mundo mental do homem da Amazônia um grande mundo de tradições, de costumes, de hábitos insubstituíveis” (Araújo, 2003, p. 198). Diante desse cenário, José Camilo Ramos de Souza (2013) salienta que estudar os espaços florestais amazônicos, e as pessoas nele inseridos, é um grande desafio, pois não revelaria a complexidade da organização socioespacial, onde há um intrincado sistema socioeconômico, cultural e ambiental.



Estudar a complexidade das vidas humanas amazônicas mostra que o viver nessa região envolve características históricas, psicossocioculturais e ambientais em que “interpretamos os habitantes das matas como edificadores de uma modernidade ecológica, a partir de uma ação que transforma e constrói os espaços das florestas tropicais” (Montysuma, 2018, p. 65). Na condição de vida amazônica, há a elaboração de dinâmicas humanas densas em símbolos, signos e simbolismos, que compõem a sua identidade em práticas sociais, históricas, econômicas e políticas produzidas ao longo de gerações florestais.

A BUSCA DE UM OLHAR DISTINTO SOBRE A AMAZÔNIA

Olhar o outro, sentir, perceber e compreender as conexões com um mundo social específico leva a aprender um novo tipo de vivência, de um agrupamento social fora do dia a dia, de representações sociais alheias de sua familiaridade. Raymond Williams (2015) escreve que:

O olho não é uma câmera, ou se for uma câmera, é uma câmera cujos resultados devem ser desenvolvidos. Esse desenvolvimento se faz em um cérebro humano, que evoluiu durante incontáveis gerações, mas que, ao mesmo tempo, se desenvolveu em nosso crescimento da infância à maturidade, a partir de conjuntos de regra da nossa sociedade, a partir de conexões que efetivamente integramos. Essas regras, em grande parte, determinarão o que vemos e o que podemos descrever (Williams, 2015, p. 32).

Cultivar novos entendimentos, a partir de seus sentidos e visões de mundo, sobre as dinâmicas humanas, produz uma nova arte, como diz Mills (1980), um artesanato intelectual que só o pesquisador ou pesquisadora pode fazer ou inventar, como expressa o antropólogo Wagner (2017). Assim,

Se assumimos que todo o ser humano é um “antropólogo”, um inventor de cultura, segue-se que todas as pessoas necessitam de um conjunto de convenções compartilhadas de certa forma similar à nossa “Cultura” coletiva para comunicar e compreender suas experiências. E se a invenção é realmente tão básica para a existência humana quanto sugerir, então a comunicação e o conjunto de associações e convenções compartilhadas que permite que a comunicação ocorra são igualmente básicos. Toda expressão dotada de significado, e, portanto, toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é, para que possamos referir a outros, e ao mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos (Wagner, 2017, p. 69).



O historiador Victor Leonardi (1999) ressalta que os pesquisadores que trabalham com a história amazônica, seus saberes e linguagens, constroem sua argumentação científica entre os povos, a cultura e a natureza, promovendo uma noção de tempo muito mais ampla, onde a formação geológica dos rios, da flora e da fauna está presente no entendimento da construção étnico-racial e identitária do povo. A rasa compreensão dos contextos humanos, diante de um território tão vasto, possibilitou a difusão de preconceitos acerca das vidas e vivências amazônicas, como este argumento do antropólogo estadunidense Charles Wagley (1988, p. 17): “Se é que o Brasil deseja sinceramente desenvolver a Amazônia, ele vai ter que investir no efetivo humano científico tanto quanto na construção de rodovias”. Infelizmente, os investimentos de políticas públicas nas terras amazônicas, promoveram um “integrar para não entregar⁵” para que o progresso chegasse, gerando desflorestamentos, poluições e outros tipos de avanços contra a natureza e as pessoas do lugar.

Agindo em prol de uma realidade que não envolve as dinâmicas culturais, governos e muitos pesquisadores não compreendem, profundamente, que dos povos amazônicos emergem ricos conhecimentos construídos ao longo de séculos. O passado e o presente se encontram entre as florestas.

Esses lugares habitados no interior amazônico, para inúmeros autores, têm o verbete de comunidades rurais, como também é o termo utilizado pelas pessoas florestais em suas narrativas. O conceito de comunidade tem significados variados, que se agregam às distintas áreas de conhecimento. Por exemplo, na Geografia, refere-se ao conjunto de todas as populações que habitam uma área, em um determinado tempo, que se assemelha ao conceito de ecossistema⁶. Na Sociologia, no conceito clássico do alemão Ferdinand Tönnies (1977, p. 107), “tudo que é confiante, íntimo, vivendo exclusivamente junto, é compreendido como vida em *comunidade* (assim o acreditamos). A *sociedade* é o público; é o mundo” [grifo do autor]. A comunidade inclui um sentimento muito forte de pertencimento e compromisso mútuo baseado numa cultura homogênea, experiência em comum e

⁵ O conceito de integração nacional se inseria na Doutrina de Segurança Nacional, que preconizava a articulação entre desenvolvimento econômico e segurança interna e externa, no período da Ditadura Militar brasileira. Esse programa foi a mola propulsora da política de integração e da chamada conquista da Amazônia, conforme estudos de Márcio Souza (2020).

⁶ Descrição de todos os componentes de uma área específica, incluindo os componentes vivos (organismos) e os fatores não - vivos (como ar, solo e água), além das interações que existem entre todos os componentes.



acentuada interdependência, que durante o processo de modernização promove uma perda desse elo comunitário (Johnson, 1997; Dashefsky, 2003; Scott, 2010). Tönnies ainda faz a distinção entre comunidades rurais e urbanas: a comunidade rural tem como principais características uma população pequena, dispersa, relativamente homogênea, que se ocupa principalmente da agricultura enquanto a comunidade urbana possui população numerosa, densamente assentada e um tanto heterogênea.

Em outro enfoque, Zygmunt Bauman (2003) salienta que comunidade é um lugar cálido, aconchegante e confortável, onde as pessoas podem relaxar, pois há o companheirismo e confiança, levando à segurança necessária no mundo moderno. A comunidade denota um elo entre as pessoas, sentimento de amparo e afetividade, um lugar privativo que dá singularidades a quem lá vive. Os conceitos difundidos sobre comunidade, especialmente comunidade rural, foram elaborados dentro de uma retórica ocidentocêntrica que o universalizou, em que o parâmetro foi produzido nas expectativas das relações sociais da sociedade moderna.

No entanto, a denominação aqui utilizada é espaço florestal, conceito que busca envolver a complexidade sociocultural do *habitat* das Amazônias, onde a lógica não é de isolamento, mas, de um lugar distante em inteira comunicação com o mundo local e global, onde a identidade e a produção social são concebidas entre símbolos, signos e significados, que agregam singularidades e sentimento de pertencimento de uma pessoa a uma dada condição florestal e cultural. Essa adaptação de comunidades rurais para espaços florestais, parte do entendimento exposto por Emílio Morán (1990) quando argumenta sobre a heterogeneidade dos habitantes diante da diversidade do ambiente, dos contatos interétnicos ao longo do processo de povoamento, das intervenções estatais e, especialmente, quando Morán (2010) aprofunda a complexidade do humano frente ao ecossistema, nas diversas estratégias e traduções culturais na floresta em tempos de fragilidade ecológica. A utilização de espaços florestais aproxima o termo e o conceito à realidade dos povos florestais, às dinâmicas na e da Amazônia brasileira e como o povo consegue adaptar ao território que habita.

As populações indígenas e caboclas da Amazônia têm-se adaptado ao meio ambiente físico amazônico e às forças externas da sociedade colonial e nacional. Os graus de adaptação ao meio ambiente amazônico que cada uma tem atingido num dado momento varia, em função das forças históricas, sociais e político-econômico da sociedade brasileira, enquanto que outras terão práticas sofisticadas de manejo ambiental desenvolvidas gradativamente (Morán, 1990, p. 26).



A abrangência conceitual dos espaços florestais parte do contexto de que as pessoas se adaptam ao tipo de floresta e de águas que o circundam, criando condições florestais inerentes a essa constituição física e, por conseguinte, criam expressões culturais à essa realidade, ou, como diz Morán (1990; 2010), criam adaptações humanas e/ou culturais. Ab'Saber (2002) descreve o mundo ecossistêmico amazônico em três categorias: 1) ecossistemas contrastados de “terras-firmes”: tipo enclaves de cerrados, ilhados no meio das grandes matas; 2) diferenciações intraflorestais: causadas pela presença de manchas de areia branca em terraços, várzeas e interflúvios arenosos, ou pela demorada presença de água que transborda em planícies de rios sujeitos a fortes oscilações de nível; e 3) ecossistemas extremamente localizados: originados por minirrefúgios nas paredes de “pães-de-açúcar” e lajedos, ou seu entorno ou ocorrentes em íngremes barrancas de abrasão fluvial. Pensar nessa geografia, é colocar a pessoa diante de uma orientação ambiental que o adapta à vida nessa natureza.

Há pessoas que estão nas florestas de terra firme, nas savanas de terra firme ou nas várzeas baixas ou altas, entrecortados por rios de superfície com águas brancas (as barrentas), águas claras (esverdeadas / transparentes) ou águas pretas, coroados por rios voadores⁷ que irrigam as terras, pisando sobre o sistema aquífero chamado Grande Amazônia⁸. Esses detalhes modelam as estratégias de sobrevivência e expressam uma variante da cultura das florestas, conforme estudos de Ecologia Humana na Amazônia de Morán (1990) sobre a adaptabilidade das populações nas distintas florestas e águas pretas. Nessa obra, Morán não faz um recorte sobre a adaptabilidade humana em águas claras e brancas - esta última, é a caracterização das águas que banham o território de Parintins, por conseguinte, da Valéria -, mas alerta sobre as fragilidades teóricas referentes a tipos não estudados por ele. Morán lança possibilidades de ação e de análise para outros estudiosos.

⁷ São cursos de água atmosféricos, invisíveis, formados por vapor de água, muitas vezes acompanhados por nuvens, propelidos pelo vento. A Floresta Amazônica presta um serviço ambiental ao sugar para dentro do continente os ventos umedecidos pelo oceano, alimentando os rios voadores com umidade e distribuindo-a para o resto do Brasil. Disponível em: http://brasildasaguas.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2013/05/caderno_rios_voadores.pdf Acesso em: 20 de mar. de 2025.

⁸ Também chamado SAGA, o sistema aquífero da Grande Amazônia é o maior corpo submerso de água do mundo. Os cientistas estimam que detém mais de 160 trilhões de metros cúbicos de água mineral, representando, aproximadamente, 80% do volume total de água da Bacia Amazônica. Disponível em: <https://dropsofamazon.com.br/aquifero-da-amazonia/>. Acesso em: 20 de mar. de 2025.



Em muitos dos casos, os dados não foram coletados ou publicados até agora e esperamos que uma nova geração de pesquisadores investigue a Amazônia com um esquema que lhes permita chegar a uma compreensão mais completa das relações entre o homem e os habitats amazônicos (Morán, 1990, p. 157).

Nessa apreensão, é necessário marcar que o povo florestal da Amazônia da Valéria está em maior parte dentro de uma floresta de terra firme, com pequenas partes em florestas de várzea, banhadas por cursos de águas brancas. É um povo com estratégias socioculturais que os apresentam e os representam perante outras realidades socioculturais. Uma identidade que demarca o seu pertencimento a um singular território.

A AMAZÔNIA DA VALÉRIA (PARINTINS/AM): UM RECORTE SOCIAL DA PLURALIDADE FLORESTAL

Antes de ser chamada de Valéria, os moradores a alcunhavam de Terra Preta, pela cor de sua terra – outros também a chamam de Serra de Parintins, principalmente, em algumas obras do final do século XIX e início do século XX. A Valéria é dividida em cinco espaços florestais. Esses lugares são apresentados pela ordem que aparecem ao adentrar a Boca da Valéria, que é a forma comum entre os moradores para determinar a entrada na região.

Ao chegar na Boca, primeiro surge São Paulo, depois Samaria, Bete Semes, Betel e, por último, o mais antigo povoamento, Santa Rita de Cássia. Nessa construção de mundo que orienta dinâmicas pessoais, Wagley (1988, p. 43 - 44) ressalta que são nesses lugares que os povos das florestas “ganham vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas”. As áreas habitadas são, espacialmente, distantes uma das outras. Como é um território grande, moradores se casam com moradores. Nesse laço sanguíneo e afetivo, aprendem a viver e conviver com os seres ambientais e criar habilidades correspondentes aos espaços florestais.

Durante muitos anos, a realidade dos povos das florestas era a exclusão elétrica – a vela, lamparina e/ ou poronga⁹ eram utensílios extremamente necessários à noite –, entre outros tipos de exclusões sociais. Atualmente, a região está quase toda atendida pelo programa social “Luz Para

⁹ É uma luminária feita, geralmente, a partir de latas de óleo, como o querosene, seu combustível mais frequente.



Todos”¹⁰, em virtude das dificuldades logísticas em atender todos os espaços florestais, o que geraram atrasos na sua total implantação, conforme apresentam os estudos de Valmiene Sousa sobre o atendimento da empresa Eletrobrás Amazonas nos interiores florestais.

A empresa informou que as condições de portos e estradas dificultam a conclusão de obras previamente projetadas. A Distribuidora informou que o Amazonas representa o maior sistema térmico isolado do mundo, abrangendo uma área de aproximadamente 1,57 milhão de Km², incluindo todos os municípios. Mesmo conhecendo a realidade do Estado, a concessionária disse que as dimensões continentais do Amazonas e a ausência de mão de obra local dificultam a logística, comprometendo o cumprimento dos cronogramas iniciais das obras. [...]. Além disso, nos últimos anos foram registrados fenômenos naturais extremos como cheias e secas dos rios, dificultando ainda mais essa logística. Esses fatores, somados à necessidade de aquisição de materiais em outros mercados e até no exterior, contribuíram para o atraso e a não conclusão das obras nos prazos contratuais (Sousa, 2017, p. 142).

Mas, na Valéria a luz elétrica chegou. Com dificuldades a eletrificação está nas áreas habitadas, possibilitando o reconhecimento audiovisual de outras condições socioculturais através da televisão, já que o rádio faz parte do dia a dia do morador desde o início do século XX. Scott Johnson (1997) conceitua que as áreas afastadas do ambiente citadino são mais homogêneas e resistentes a novas ideias, menos tecnológicas e menos dependentes da mídia e atribuem valor mais baixo à alfabetização e escolaridade e valor mais alto à religião. Todavia, há nesta conceituação, um disparate clássico em universalizar os espaços fora do eixo da cidade como alheios à modernização tecnológica e à ampliação da escolarização. A Valéria não é alheia ao mundo moderno.

Com a chegada da luz elétrica as informações ampliaram e, tornaram-se, instantâneas. Outras situações impactaram o lugar, como a inserção do ensino noturno, acesso a bens de consumo duráveis e, conseqüentemente, uma mudança na rotina, como, a geladeira para conservar os alimentos e a

¹⁰ Em 11 de novembro de 2003, por meio do Decreto Nº 4.873, foi instituído o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica, denominado Luz para Todos. As áreas beneficiadas abrangem: assentamentos rurais, comunidades indígenas, quilombolas e outras comunidades localizadas em reservas extrativistas ou em áreas de empreendimentos de geração ou transmissão de energia elétrica, escolas, postos de saúde e poços de água comunitários. Os beneficiários pagam uma “tarifa social” e os descontos podem variar entre 10% e 65%, de acordo com o consumo da família e sua renda *per capita*. Até 2018, o Governo Federal, através do Ministério de Minas e Energia, esclareceu que cerca de 90 mil metros já foram utilizados em obras pelo Brasil, sendo 58 mil metros só no Estado do Amazonas, os quais têm proporcionado melhora significativa nas condições de vida dos habitantes, permitindo a fixação no campo, o funcionamento de escolas no período noturno, a utilização de irrigação para agricultura, além da possibilidade de utilização de eletrodomésticos. Todavia, a empresa concessionária Amazonas Energia ressalta que a continuidade das ações para execução de obras para o período de 2021 / 2022 dependerá da liberação de recursos provenientes do Governo Federal.



máquina de lavar para facilitar a lavagem das roupas. Empresas de telefonia móvel também foram incentivadas a instalar antenas que atendessem às pessoas nos espaços florestais. Celulares e computadores ligados à internet as tornaram globalizadas e atraídas por novas realidades, como contextualiza Anthony Giddens ao falar sobre os reflexos da globalização.

Vivemos nessa era interligada em que pessoas de todo o planeta participam de uma única ordem internacional - uma situação que é, em grande parte, resultado do alcance internacional das comunicações modernas. Graças a globalização e o poder da internet, quem estiver em Caracas ou no Cairo conseguirá receber as mesmas músicas populares, notícias, filmes e programas de televisão. Canais de televisão que exibem noticiários 24 horas por dia trazem informações dos fatos assim que eles ocorrem, e transmitem coberturas sobre o desenrolar dos eventos que serão vistas por telespectadores do mundo inteiro (Giddens, 2005, p. 367).

Inseridos nesse mundo em constante mudança, tanto velhos quanto novos envolvem-se nessas novas dimensões sociais e culturais que as intervenções tecnológicas propagaram nos rincões amazônicos, ressignificando em novas experiências a sua identidade e produção social. Com a energia elétrica surgem praticidades no dia a dia, podendo potencializar a produção na agricultura, garantindo melhor uso dos recursos que cada região tem a sua disposição (Lovato, 2009).

O progresso idealizado por esta política de eletrificação atingiu em partes seu objetivo, colocando os sujeitos florestais num patamar de ‘mínimo social’¹¹ no atendimento às necessidades humanas básicas: “houve somente o crescimento da demanda por energia elétrica e o abastecimento energético por si, só não resultou em desenvolvimento local, pois disso depende uma articulação objetiva com outras políticas” (Sousa, 2017). Quando a interrupção energética acontece, algumas vezes, é preciso chamar a empresa de energia para resolver a situação, onde a sede fica em Parintins, como os cabos elétricos estão entre as florestas, pode haver demora em resolver o caso. É diante dessas condicionalidades que, o viver perante a natureza, promove uma adaptação de suas práticas e entendimentos sobre o mundo.

¹¹ Pereira (2008) diferencia ‘mínimo e básico’ das necessidades sociais: “*Mínimo e básico* são, na verdade, conceitos distintos, pois, enquanto o primeiro tem a conotação de *menor*, de menos, em sua acepção mais ínfima, identificada com patamares de satisfação de necessidades que beiram a desproteção social, o segundo não. O *básico* expressa algo *fundamental, principal, primordial*, que serve de base de sustentação, indispensável e fecunda ao que ela se acrescenta” (Pereira, 2008, p. 26) [grifo da autora].



O HABITANTE DA VALÉRIA (PARINTINS/AM): IDENTIDADE SOCIAL E ECONÔMICA PECULIAR

Estudos diversos mostram a distinção dos tipos humanos amazônicos a partir de pesquisas realizadas em áreas com florestas, vegetações, terras e águas que se diferem, ocasionando um reconhecimento que não é único entre os habitantes da região. Marcelo Calegare e Maria Inês Gasparetto Higuchi (2013), na compreensão entre o ser humano e a natureza, sustentam que a relação entre os indivíduos e seus grupos com o ambiente é resultante de uma história construída de forma complexa, onde se encontram múltiplos fatores determinantes (espaço físico, cultura, política, economia e os significados e valores dados ao lugar).

Diante de cenários singulares, a ótica de pesquisadoras e pesquisadores, fazem com que o humano amazônico seja identificado ora como o ribeirinho, o caboclo (*caboco*) ou, de forma abrangente, o caboclo - ribeirinho ora como o camponês ou o amazônida. Em outros estudos é a atividade econômica que determina sua tipologia: seringueiro, agricultor familiar, ceramista, entre outros. Noutras pesquisas, é a sua marcação identitária: o indígena, o quilombola. São pluralidades de identidades que recriam suas lógicas de vida através das terras que habitam, das águas que navegam e das árvores e vegetações que o rodeiam.

Marilene Correa da Silva (2010) aduz que os agrupamentos humanos na Amazônia são tipificados mediante as condições de organização espacial tradicional e da feição geopolítica nacional com características diferentes e desiguais de integração local e na região. Num estudo realizado por Bertha Becker (2013), os territórios populacionais amazônicos também apresentam caracterizações dinâmicas, como a área da indústria cultural em Belém/ PA e Parintins/ AM e o impulso ao trabalho no setor industrial em Manaus/ AM. Assim, estabelecidos diante de um espaço físico - geográfico multifacetado, a Amazônia apresenta potencialidades sociais, culturais, econômicas e ambientais inerentes às relações ali edificadas.

Ao viver em distintas realidades, tradições e conhecimentos, não classifica o sujeito como o ribeirinho, o caboclo ou o caboclo-ribeirinho, apesar de estudos discorrerem que o tipo genérico amazônico, devido à proximidade com as águas, o torne ribeirinho, que, dentro do espaço amazônico, esta ligação não é tão próxima. O “ser caboclo-ribeirinho ou ribeirinho” exprime significações que



envolvem os aspectos físicos, psicológicos, culturais e ambientais do mundo envolvente. É uma expressão da identidade de viver num território singular, onde as memórias estão atreladas aos espaços fluviais e a caracterizações específicas: “A biografia humana passa a ser contada a partir do rio. O rio, espécie de papai grande. Porque ninguém é filho de tal lugar [...]. E sim, nasceu no Juruá, vive no Purus [...]”, nas palavras de Leandro Tocantins (2020, p. 42). O rio e o seu entorno orientam as expressões culturais, percepções e valores do significado desta caracterização tipológica.

Em outra caracterização, Carmem Izabel Rodrigues (2006) discute que o termo “caboclo” é uma categoria que marca a alteridade, que fala sempre de um outro, tornando-se uma representação: “o caboclo é aquele que está nas franjas, nas fronteiras da modernidade, o que estava *antes* da modernidade, o que é, de certo modo, *contra* a modernidade” (Rodrigues, 2006, p. 125, grifo da autora), mas adiante, ela complementa: “o caboclo está *no meio* da modernidade, nas margens e – ao mesmo – fora dela” (p. 126) [grifo da autora]. Ainda argumentamos que os novos arranjos proporcionados pela modernidade chegam mais lentamente nos rincões, sendo acessados e ressignificados ao contexto habitado e vivenciado, pois num mundo em esfera de comunicação global, “ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade” (Bauman, 1999, p. 25).

Há sim o global entre “os caboclos”. Nesse ambiente, mulheres e homens, nessa retórica chamados de “caboclas e caboclos”, transformam o espaço e se transformam em conjunto, como diz Leonardi sobre a formação social dos povos amazônicos, ao retratar que os espaços florestais não tiveram as mesmas características ao longo dos séculos, se assim o fosse, “seriam comunidades sem história!” (Leonardi, 1999, p. 83 - 84). E quanta história há nesses espaços.

Entre as caracterizações vindas de estudiosos sobre as identidades amazônicas, alertamos que esta condição de reconhecimento deve vir do próprio sujeito. É necessário dar voz para compreender sua auto - interpretação identitária: “*Eu me considero agricultor, não ribeirinho... Pra mim, só sou ribeirinho quando o rio chega perto do meu assoalho!... E esse ano não chegou!*” (Seu Abel Santos¹², 49 anos, em 02 de outubro de 2021). A narrativa mostra como o processo identitário do homem ou da mulher amazônico deve partir de si. Para o narrador, o rio só o identifica como ribeirinho em época das grandes cheias na Valéria. Na definição deste protagonista das florestas, é a

¹² Numa entrevista concedida no período de estudos do doutoramento.



atividade econômica da agricultura familiar que o torna pessoa ativa e atuante, colocando-se na produção e no abastecimento da economia capitalista, como a tradição secular de fazer a farinha, que envolve “uma dimensão ao mesmo tempo geradora de significado e unificadora da representação social” (Moser, 2018, p. 221).

Como atividade da agricultura familiar, neste lugar, a arte de fabricar a farinha é uma tradição aprendida e transmitida entre gerações. O agricultor assimila o potencial econômico que é a produção e venda da farinha de mandioca para os espaços florestais arredores. Esta feitura é um ato tanto econômico quanto cultural, daí, que atores no mercado do capital, ser agricultor ou agricultora tem significados mais relevantes na categorização do povo que habita a Valéria, visto que, a cultura da produção da farinha é uma forma de luta e reconhecimento das produções culturais dos agricultores, pois a arte da fabricação é comunicada nas casas de farinha (Sales; Maciel, 2020).

A casa de farinha é o lugar onde acontece o processo de transformação da mandioca em farinha, onde o agricultor, com a raiz da mandioca, produz a farinha seca, a goma ou a fécula, o tucupi, farinha de mandioca, remetendo a um lugar de memória espaço - tempo dos farinheiros. No entanto, na maioria das vezes, esse conhecimento complexo da fabricação de farinha tem sido negado pelas relações hegemônicas do conhecimento que desconsidera o saber florestal dos grupos amazônicos (Sales; Maciel, 2020), porém, as casas de farinha tornam-se elementos de resistência cultural da agricultura amazônica. Essa interação ser humano-natureza nos espaços amazônicos se processa por gerações, construindo uma identidade com elos entre passado e presente, num acúmulo de saberes que fomentam a produção social do hoje.

CONCLUSÃO

A Floresta Amazônica é fonte de grande diversidade faunística, florística, humana e de entes que se atrelam à sua natureza. A plural Amazônia expressa culturas que expõem a sabedoria de pessoas que estão em constante processo de aprendizagem e adaptações à sua produção social e construção de sua identidade. A Amazônia da Valéria é uma parte da Amazônia recolhida no território de Parintins, no Amazonas, num cá e lá entre tradições e modernidades.



Gerações familiares produziram seu imaginário social entre os seres ambientais no microterritório de uma Amazônia expressada na construção histórica dos cinco espaços florestais (São Paulo, Bete Semes, Betel, Santa Rita de Cássia e Samaria), nas características sociais, culturais e ambientais que os tornam tanto aliados ao Amazonas quanto ao Pará. A terra e o rio os ligam aos espaços florestais circunvizinhos. A esses espaços se estabelece significados só entendidos através da compreensão da conjuntura histórica, social, cultural e ambiental daquele povo ainda florestal. Nenhum lugar na Amazônia é igual.

Moradores que, através do trabalho como agricultores familiares, se inserem no mundo de fornecedores e consumidores. Das terras, águas e florestas, surgem as matérias primas que se transformam, através da energia física e mental dos sujeitos florestais, nas mercadorias que circulam entre os espaços humanos amazônicos. Nesse contexto, que envolve os aspectos sociais de existência, os aparatos culturais de identidade e a complexidade dos saberes, são moldados diante do espaço habitado e experienciado, por isso que, nesse microterritório se reconhecem, efusivamente, como agricultores, não ribeirinhos.

De certo, habitar a Região Amazônica é trabalhar com um cenário que não pode ser generalizado. Nenhuma Amazônia, palco de variados níveis de pesquisas, é idêntica - quem manifesta isso, tem um olhar tão raso, que não projeta a diversidade neste e deste solo. O estado físico das matas não é igual. As narrativas e imaginários das pessoas são, diferentemente, em cada torrão. Trazer à tona uma Amazônia é discutir a realidade desse lugar específico, dos habitantes que nela moram. As dinâmicas amazônicas não devem ser colocadas no mesmo tipiti (espremedor de palha trançada), em virtude de elas terem um cenário marcado pela ação e transformação de pessoas particulares. A Amazônia, em suas particularidades, tem muito a ensinar a esse mundo global que tendência a generalizar padrões.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz N. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia Brasileira. **Estudos Avançados** 16 (45), 2002.



AMAZONAS ENERGIA. **Programa de Eletrificação Rural**. Disponível em: <https://website.amazonasenergia.com/informacoes/programa-luz-para-todos/>. Acesso em: 24 de mar. de 2025.

ARAÚJO, André Vidal de. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. 2.ed. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação: Adriano Correia. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo moderno**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECKER, Bertha K. **A urbe amazônica: a floresta e a cidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

CALEGARE, Marcelo; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Significado de morar e viver numa unidade de conservação. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; FREITAS, Camila; HIGUCHI, Niro (Orgs). **Morar e Viver em Unidades de Conservação no Amazonas: considerações socioambientais para os planos de manejo**. Manaus: [s.n.], 2013.

DASHEFSKY, H. Steven. **Dicionário de Ciência Ambiental**. 3. ed. Tradução: Eloísa Elena Torres. São Paulo: Gaia, 2003.

GIDDENS, Anthony. Risco. In: _____. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

JOHNSON, Allan G. Comunidade. **Dicionário de Sociologia: guia prática da linguagem sociológica**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

LOVATO, Siusiane. **Análise do processo de implementação das ações integradas do Programa Luz para Todos em uma comunidade rural: uma perspectiva de análise de desenvolvimento protagonizada por atores locais**. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MONTYSUMA, Marcos. Memória da terra - Memória da Floresta. In: BROCARD, Daniele; DEBIASE, Rose Elke; ORBEN Tiago Arcanjo (Orgs). **Terra e Memórias: vivências, conflitos e conquistas no(s) rural(is) do Brasil**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

MORÁN, Emílio. **A Ecologia Humana das populações da Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MORÁN, Emílio. **Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica**. Tradução: Carlos E. A. Coimbra, Marcelo Soares Brandão e Fábio Larsson. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2010.



- MOSER, Gabriel. **Introdução à psicologia ambiental**: pessoa e ambiente. Tradução: Luís Guerreiro Pinto Cacaís. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.
- PEREIRA, Potyara. **Necessidades humanas**: subsídios à crítica dos mínimos sociais. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Cadernos NAEA**, v. 09, n. 01, jun. 2006.
- SALES, Dione Vieira; MACIEL, Rogério Andrade. Cultura material da farinha na Amazônia Paraense. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 07, n. 15, p. 50 - 66, 2020.
- SANTOS, Emmanoel Raimundo Costa. **Amazônia Setentrional Amapaense**: do “mundo” das águas às florestas protegidas. 2012. 276 f. Tese (Doutorado em Geografia), Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente / SP, 2012.
- SCOTT, John (Org.). **Sociologia**: conceitos-chave. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- SILVA, Marilene Corrêa da. Educação, Desenvolvimento Sustentável e a Amazônia: pressupostos e virtualidade. In: FREITAS, Marcílio de; SILVA, Marilene Corrêa da; BARROS, Marcus. **Diálogos com a Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2010.
- SOUSA, Valmiene Florindo Farias. **Eletrificação rural no Baixo Amazonas**: da concepção da política às mudanças nas condições de vida dos idosos impactados pelo Programa Luz para Todos. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas), Curso de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.
- SOUZA, José Camilo Ramos de. **A Geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins**: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. 2013. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia Física), Curso de Pós-Graduação em Geografia Física, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia, natureza, homem e tempo**: uma planificação ecológica. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2020.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e Sociedade. In: BIRNBAUM, Pierre; CHAZEL, François. **Teoria Sociológica**. Tradução: Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Tradução: Clotilde da Silva Costa. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- WILLIAMS, Raymond. **Recursos da Esperança**: cultura, democracia, socialismo. Tradução: Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.



Recebido em: 08 de abril de 2025.

Aprovado em: 02 de setembro de 2025.